

LENDO THE
REGENERATION TRILOGY
DE PAT BARKER

Luís Quintais *

I

Em 1991 Henrika Kuklick publicava *The Savage Within*, a sua história social da antropologia britânica. Nesse mesmo ano, Pat Barker publica *Regeneration* (1992), o primeiro volume de uma série de três, que viria a ser apelidada de *The Regeneration Trilogy*. Os restantes dois volumes da trilogia são *The Eye in the Door* (1994) e *The Ghost Road* (1996). O ensaio de Kuklick e o universo ficcional de Barker cruzam-se. Esta complementaridade entre um trabalho de investigação histórica e um trabalho de ficção alicerça-se num ponto: uma determinada visão das experiências de guerra (da Primeira Guerra Mundial) e dos seus efeitos intelectuais, sociais e políticos. Kuklick circuncreve o tema do seguinte modo:

Na era da Primeira Guerra Mundial, os antropólogos deixaram de cartografar o curso da história humana como o triunfo progressivo das forças da razão sobre as da emoção instintiva original. Eles acreditavam agora que “impulsos selvagens” permaneciam sempre “adormecidos no coração do homem civilizado”, prontos a “ser trazidos de novo à vida”, como escreveu R. R. Marett em 1917. Esta perspectiva era uma lição muito forçadamente ensinada pela guerra (Kuklick 1993: 119) ¹.

Tudo isto se encontra incontornavelmente plasmado em W. H. R. Rivers (1864-1922), figura central da antropologia inglesa da viragem do século. Barker elege o neurologista e antropólogo como personagem de ficção, e é em torno dele que outras personagens se movem numa magnífica recursividade entre o pano de fundo histórico representado pela guerra e os dramas pessoais que sobre ele recortaram a sua sombra, imaginando e conferindo densidade interpretativa ao que Kuklick, com outro alcance, nos propõe ².

A trilogia de Barker é uma evocação dos horrores da guerra revivenciados por um conjunto de combatentes que Rivers trata, primeiro em

* Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

¹ As traduções são da minha inteira responsabilidade.

² Ver, sobretudo, Kuklick 1993: 119-181.

Craiglockhart (Escócia) e depois em Londres, do que se chamava então *shell-shock*, categoria que englobaria, no contexto da psiquiatria inglesa do período, todas as perturbações mentais induzidas por situações de guerra (Kuklick 1993: 165). Tratava-se de um idioma de sofrimento que extravasava em muito o seu alcance estritamente terapêutico. E daí as implicações sociais e políticas³ de que se revestia o seu diagnóstico, sobre as quais Barker nos dá uma imagem magistral.

II

Rivers torna-se nas mãos hábeis de Barker um pensador moral. A irresgatável atrocidade da guerra é assimilada à prova sacrificial de Abraão e Isaac. Em licença de Craiglockhart, Rivers assiste a um serviço religioso. Observa o altar, depois a janela a oriente:

De um lado e de outro, a Virgem e São João, o Espírito Santo descendo, Deus Pai do alto sorrindo benignamente. Em baixo, e mais pequeno, o sacrifício de Abraão. Por detrás de Abraão estava o carneiro preso num silvado pelos chifres a lutar para escapar, de longe a melhor coisa na janela. Podia-se ver o medo. Ao passo que Abraão, se se arrependia de sacrificar o seu filho, estava certamente a escondê-lo bem, Isaac, amarrado num altar improvisado, sorria pateticamente.

Óbvias escolhas para a janela a oriente: os dois sangrentos acordos em que uma civilização diz basear-se. O acordo, Rivers pensava, olhando para Abraão e Isaac. Aquele em que todas as sociedades patriarcais se fundam. Se tu, que és forte e jovem, me obedeceres, a mim que sou fraco e velho, mesmo a ponto de estares preparado para sacrificar a tua vida, então com o passar do tempo tu irás herdar pacificamente e ser capaz de exigir a mesma obediência dos teus filhos. Só que nós estamos a quebrar o acordo, pensava Rivers. Em todo o Norte de França, neste mesmo momento, em trincheiras e abrigos e em alagadas crateras, os herdeiros estavam a morrer, não um por um, enquanto homens velhos e mulheres de todas as idades se reuniam e cantavam hinos (Barker 1992: 149).

A narrativa de Barker é obsessivamente atravessada por tensões geracionais e de género⁴. Rivers surge aos olhos dos seus pacientes como uma figura paterna, mas incapaz de subscrever o gesto sacrificial de Abraão⁵, incapaz

³ Sociais e políticas, mas também económicas. Recordaria que durante a Primeira Guerra Mundial passaram pelos hospitais militares britânicos cerca de oitenta mil homens diagnosticados com *shell-shock*, e que, em 1939, o Governo britânico atribuiu dois milhões de libras em compensações a ex-combatentes da Primeira Guerra vítimas de *shell-shock* (ver Gersons e Carlier 1992: 743).

⁴ E também tensões de classe.

⁵ A severidade associada à figura masculina do pai é, em Barker, trabalhada através da memória pessoal de Rivers e do modo como este evoca os temíveis espectros de seu pai e de Charles Dodgson, isto é, Lewis Carroll (ver Barker 1992: 149-156, e 1996: 18-32, 86-102).

de subscrever a cegueira da guerra ou os procedimentos terapêuticos disciplinares protagonizados por Lewis Yealland ⁶ e incomodamente assimilado ao estatuto de “*male mother*” por um dos seus pacientes, Layard (Barker 1992: 106-107). A oscilante fronteira de género é enunciada por Barker nos seguintes termos:

Ele desconfiava da implicação de que nutrir, mesmo quando feito por um homem, permanece feminino, como se a aptidão fosse de algum modo emprestada, ou mesmo usurpada, das mulheres – uma espécie de equivalente moral da *couvade* (Barker 1992: 107).

Esta ambiguidade de género, que a narrativa retoma constantemente, alia-se à não menos constante ambiguidade entre a figura distante do médico e a figura empática do pai que se furta à condenação, à severidade, do pai que *nutre* de inteligibilidade aquilo que permanece avesso a toda a inteligibilidade (as experiências traumáticas da guerra): “Tu és a minha consciência externa, Rivers, o meu pai confessor”, diz-lhe Sassoon (Barker 1994: 228). Rivers surge-nos como aquele que vive perigosamente instalado na ambiguidade que se inscreve entre a *distância* e a *empatia*. A distância exigida à figura do médico, “sem a qual a prática da investigação médica, e na verdade da própria medicina, dificilmente seria possível” (Barker 1994: 146) ⁷, e a empatia, esse “sentido de humanidade” que Rivers partilha com os seus pacientes.

III

O tecido da narrativa de Barker dá-nos uma espécie de imagem interior (a um tempo intimista e confessional) do que a Primeira Guerra representou para a antropologia inglesa deste período, e em particular para Rivers. Visto como a figura central do chamado difusionismo inglês – que se desenvolveu genericamente entre 1910 e 1922 – Rivers caracterizou-se pela importância que atribuiu à articulação entre processos de transformação histórica e social em grande escala e dinâmicas de psicologia individual. Essas ideias tiveram o seu nadir neste período, a sua insólita e trágica confirmação e iriam naufragar com o final da guerra e, sobretudo, com a morte de Rivers em 1922 (momento cronológico de viragem paradigmática na antropologia britânica). É nesta articulação entre história e psicologia individual que a narrativa de Barker se move. Se se trata de uma das mais

⁶ As práticas terapêuticas de cariz analítico encontram o seu contraponto nas práticas terapêuticas disciplinares de Yealland (ver Barker 1992: 220-250).

⁷ Barker fala-nos, na mesma passagem, desta distância como uma forma de “suspensão da empatia” que torna a figura do médico assimilável à do soldado, que a ela deve chegar de modo a ser capaz de matar.

evidentes realizações de Barker, trata-se também de algo que assume, para Rivers, uma enorme relevância que é matizada por uma singular tonalidade, em que a emergência da irracionalidade e do carácter instintual e/ou emocional do homem ocidental se torna evidente.

Como nos mostra Kuklick (1993: 119-181), arrumados cronologicamente entre os evolucionistas e os funcionalistas, os antropólogos ingleses da viragem do século, para além das suas ideias difusionistas, defendiam que qualquer reflexão sobre processos sociais exigiria uma atenção às dinâmicas da psicologia individual. Conservando alguns dos principais princípios da equipagem evolucionista, articulavam a explicação da evolução biológica da humanidade com um modelo da psicologia individual ao mesmo tempo fisiológico e cultural.

São relativamente óbvias de traçar as razões subjacentes ao impacto público que estas ideias viriam a ter no momento histórico em que a Primeira Guerra Mundial ocorre. Uma visão acerca da natureza e condição humanas em que se apelava constantemente para um inconsciente e para os elementos de irracionalidade que permeavam as acções do homem em situações limite, como a que a guerra delimitava, vinham tingir o clima intelectual da época com uma coloração nocturna, eivada de um indisfarçável pessimismo.

Se os antropólogos ingleses deste período se encontravam profundamente afectados pelos horrores da guerra, a sua perspectiva não deixava, no entanto, de traduzir a sua formação profissional. Os expoentes maiores da escola difusionista inglesa trouxeram para a antropologia a sua experiência de médicos. A sua argumentação definia-se pelas suas preocupações médicas (quer como investigadores quer como práticos da medicina). Um olhar focalizado em patologias sociais conduziu estes médicos e antropólogos a considerar destituídas de sentido as pretensões relativistas dos funcionalistas. Enquanto estes últimos procuravam suspender qualquer juízo sobre normas culturais, afirmando que as respostas individuais só poderiam ser consideradas imperfeitas quando desajustadas de normas colectivas, os primeiros ajuizavam acerca do carácter patológico de certas formações sociais quando estas produziam um número razoável de casos individuais de psicopatologias reconhecíveis. Quando hábitos sociais estabelecidos eram abrupta e radicalmente ameaçados, emergiam patologias individuais que eram qualificadas através da libertação de impulsos instintivos.

A guerra foi, tragicamente, a melhor glosa ao pensamento de Rivers e dos seus colegas de que há memória. Barker mostra-o de diversas formas. Assinalaria especialmente uma dessas formas: as experiências de regeneração de tecidos nervosos desenvolvidas por Rivers e Henry Head (1861-1940) nos princípios do século em Londres e Cambridge, experiências essas que dão o título à obra de Barker.

IV

A descrição que os antropólogos ingleses da viragem do século faziam da relação entre factores sociais e a expressão de tendências instintivas derivava do modo como conceptualizavam a evolução do cérebro e do sistema nervoso, “os *loci* anatómicos do pensamento e sensibilidade humanos” (Kuklick 1993: 157).

Um dos recitativos da narrativa de Barker é circunscrito pelas experiências sobre regeneração de tecidos nervosos que Rivers e Henry Head realizaram entre 1903 e 1908 – um dos episódios mais importantes do itinerário desta geração de antropólogos⁸.

As experiências começaram quando Head, um influente neurologista e editor da revista *Brain*, realizou no *London Hospital* (onde era então médico), uma operação na qual fragmentos de tecido nervoso do seu antebraço esquerdo foram cortados na região do cotovelo, sendo depois suturadas as extremidades das fibras nervosas resultantes do corte. Após esta operação, e nos quatro anos e meio seguintes, Head viajou todos os fins-de-semana para Cambridge onde, de olhos vendados, se submetia a testes (particularmente dolorosos) de sensibilidade cutânea realizados por Rivers nas regiões nervosas afectadas. Esses testes pretendiam determinar o curso da regeneração das áreas nervosas do antebraço de Head. Para estes dois homens, a regeneração recapitulava a evolução da sensibilidade nervosa. Assim, Head readquiria, em primeiro lugar, a sensibilidade “protopática” (*protopathic sensibility*), e só numa fase posterior do processo de regeneração é que readquiria a sensibilidade “epicrítica” (*epicritic sensibility*). A sensibilidade protopática era caracterizada pelo facto de, num primeiro momento da regeneração, as respostas de Head a estímulos serem do tipo “tudo-ou-nada”, isto é, se Head permanecia por vezes insensível a estímulos, em outros momentos não conseguia distinguir graus de calor ou frio ou pressão no estímulo aplicado por Rivers. Esta capacidade discriminatória só era conseguida quando Head recuperava a sensibilidade epicrítica: ele podia então diferenciar as qualidades associadas ao estímulo e especificar a área afectada do seu braço.

Rivers e Head concluíam que as sensibilidades protopática e epicrítica eram qualitativamente distintas e que a regeneração das áreas nervosas do braço esquerdo de Head recapitulava a história da evolução humana, afirmando ainda que os dois tipos de sensibilidade eram produzidos em dois sistemas de fibras nervosas distintos e que estes dois tipos de sensibilidade se encontravam associados à estrutura do cérebro, em que a camada interior

⁸ Os outros dois são a famosa Expedição ao Estreito de Torres (1898) e um conjunto de investigações paleontológicas (uma das quais teria envolvido os restos do fraudulento “Homem de Piltdown”) (ver Kuklick 1993: 132-154).

do córtex cerebral (a primeira a desenvolver-se na espécie humana) regeria as respostas protopáticas dos indivíduos e a camada exterior regeria as respostas epicríticas consideradas mais elevadas. Ou seja, a ontogénese replicava a filogénese, e a sensibilidade protopática, reconhecível em Head, representava um estágio primeiro (e primitivo) da evolução humana, representando a sensibilidade epicrítica um estágio último (e mais avançado) da mesma.

Rivers e os seus associados pretendiam que nenhum ser humano socializado (por mais primitivo que fosse) existiria numa condição estritamente protopática, dado que os impulsos protopáticos se afirmariam como anti ou pré-sociais. A condição estritamente protopática era patológica. Uma lesão cerebral, por exemplo, poderia conduzir a uma quase total perda de sensibilidade estética (que era, segundo este esquema, qualificada como uma forma de sensibilidade epicrítica). Os únicos seres humanos que viveriam numa condição estritamente protopática eram as crianças, e os estados afectivos que emergiriam naturalmente na criança eram, nos adultos, alocados num inconsciente, já que as respostas infantis eram totalmente inapropriadas à idade madura. Esta alocação do protopático num inconsciente era, evidentemente, realizada através de processos de *repressão*⁹.

Na trilogia de Barker, o constante apelo à memória e ao sonho revelam-nos como, para Rivers, a sensibilidade protopática ganhava uma dramática expressão, justamente nas memórias traumáticas da guerra que, reprimidas, afloravam nos sonhos dos soldados. Os sonhos resgatam a reprimida irracionalidade do homem protopático, sobretudo sob a forma de pesadelos, dos quais Barker nos dá uma imagem poderosíssima ao longo da trilogia (os pesadelos dos soldados, mas também do próprio Rivers), “a voz do protopático escutada finalmente, à medida que as regiões elevadas do cérebro se fecham” (Barker 1992: 239).

E, à medida que as regiões elevadas do cérebro se fecham, os homens ficam à mercê da memória e do sonho. O mesmo é, para Barker, dizer que ficam à mercê das presenças espectrais dos seus mortos. O tom elegíaco de *The Ghost Road*, vem apenas confirmar esta dimensão onírica e espectral da trilogia. Porque é em *Ghost Road* que toda a experiência adquire “a qualidade de experiência rememorada” (Barker 1996: 46). Aí, há “fantasmas em toda a parte”. E “mesmo os vivos [são] apenas fantasmas em construção”. O fantasma de Njiru, o *medicine man* de uma tribo de caçadores de cabeças da Melanésia, que Rivers evoca quando se debruça sobre um dos seus pacientes, Moffet (Barker 1996: 49-52), a sessão espírita à qual Billy Prior assiste com a

⁹ As influências de Freud na antropologia inglesa deste período são particularmente óbvias em Rivers, que, no entanto, recusava a excessiva importância que Freud dava aos impulsos sexuais na motivação humana (Kuklick 1993: 162). Sobre a aproximação que Rivers realizou aos métodos terapêuticos e interpretativos da psicanálise, ver Pulman (1986) e Young (1995: 77-85).

sua noiva, Sarah (Barker 1996: 76-83). O regresso dos mortos nas experiências rememoradas dos que lhes sobreviveram – e que o poema de Edward Thomas que Barker cita em exerçue a *The Ghost Road* convoca: “Agora todas as estradas se dirigem a França/ E pesado é o passo/ Dos vivos; mas os mortos/ Que regressam, levemente dançam”.

V

Wilfred Owen (1893-1918) e Siegfried Sassoon (1886-1967), dois destacados *war poets*, passaram por Craiglockhart. Foram ambos pacientes de Rivers. A dado momento de *Regeneration* (Barker 1992: 122-123), Owen e Sassoon trocam algumas impressões sobre um poema escrito por Owen. Um poema que evoca as figuras de Hércules e Anteu. O gigante da Líbia, filho de Posídon e Geia (a Terra-Mãe), cuja invencibilidade dependia do seu permanente contacto com o solo, é soerguido por Hércules que, assim, o vence. Os pacientes de Rivers surgem-nos, como escreve Barker através de Owen e Sassoon, como homens indefesos, homens que a guerra fez perder o contacto com o solo, “*ungrounded by the war*” (Barker 1992: 123). Recuperar a invencibilidade é aqui recuperar dos efeitos traumáticos da guerra, é regenerar a sensibilidade epicrítica, é resgatar o que liga os homens à terra, à natureza, mas também (e sobretudo) à sociedade. Rivers propõe aos seus pacientes que este regresso à terra só pode ser eficazmente conseguido através de um processo de autoconhecimento, que assenta na aceitação das suas emoções. E o que Rivers exige dos seus pacientes vai reconduzi-lo a si mesmo. Escreve Barker:

Certamente que a repressão rigorosa do desejo e da emoção havia sido o tema constante da sua vida adulta. Ao aconselhar os seus jovens pacientes a abandonar a tentativa de repressão e a permitirem-se sentir a compaixão e o terror que a sua experiência de guerra inevitavelmente evocava, ele estava a escavar o solo sobre o qual se mantinha (Barker 1992: 48).

As vítimas de *shell-shock* sofriam de um estado resultante da operação de mecanismos repressivos que permeavam a sua experiência quotidiana, mas que se haviam tornado profundamente disfuncionais em situações de guerra. O carácter eminentemente adaptativo da repressão (e, nesta acepção, não patológico) tornava-se, em condições de guerra, patológico.

Este modo de conceptualizar o *shell-shock* e as práticas terapêuticas analíticas que Rivers propunha eram colocados sob forte suspeita pelas autoridades militares britânicas. Para estas, o *shell-shock* traduzia problemas estritamente disciplinares. Afirmar que os soldados podiam ficar histéricos por causa da guerra era, à luz dos pressupostos de uma visão do mundo

radicalmente falocêntrica e disciplinar, entendido explicitamente como uma ameaça à boa ordem moral e política em que se abastecia a guerra. Daí que o tratamento do *shell-shock* só pudesse ser, para os militares empenhados no esforço de guerra, um problema igualmente disciplinar. A perspectiva disciplinar era ainda reforçada por preconceitos de classe. Enquanto os oficiais diagnosticados com *shell-shock* poderiam ser tratados, os vulgares soldados eram, regra geral, objecto de sanções disciplinares e de acções punitivas.

Um dos casos mais famosos disso mesmo é o de Siegfried Sassoon. Em Julho de 1917, Sassoon parte para o Hospital de Guerra de Craiglockhart, onde se torna paciente de Rivers e onde conhece Wilfred Owen. Barker confere uma densidade psicológica, a todos os títulos notável, à relação Rivers-Sassoon. Uma relação historicamente documentada, no entanto¹⁰. A atribuição de um diagnóstico de *shell-shock* a Sassoon está envolta numa atmosfera de considerações políticas várias. Sassoon, que em Junho de 1916 tinha sido condecorado com a Cruz Militar, avançara em Julho de 1917 com a sua famosa recusa de voltar a servir o exército. Em *Finished with the War – A Soldier's Declaration*, Sassoon desafia explicitamente a autoridade militar: “Faço esta declaração como acto de desafio voluntário da autoridade militar, porque acredito que a guerra está a ser deliberadamente prolongada por aqueles que têm poder para acabar com ela” (Barker 1992: 3). A sua presença numa junta médica, e a consequente decisão de que sofria de *shell-shock*, ficaram a dever-se aos esforços de Robert Graves, que moveu as suas influências junto do ministério britânico para que o amigo não fosse levado a tribunal marcial¹¹, e, dada a celeuma que a declaração causou, ao facto de se afigurar menos problemático para as autoridades inglesas categorizar-se Sassoon como um homem doente, ou, como escreve Barker (1992: 9), através do monólogo interior de Rivers: “Um homem como Sassoon seria sempre um problema, mas seria muito menos um problema se estivesse doente”. Para o War Office, os danos causados à mente pela guerra dificilmente poderiam ser encarados como doenças¹², a não ser que houvesse uma conveniência social e pública (logo, política) incontornável, como o caso Sassoon demonstra. Protegido das implicações políticas das suas acções, Sassoon permanece alguns meses em Craiglockhart, onde, para lá das suas conversas com Rivers, se dedica à prática do golfe, até que decide regressar à frente de batalha.

¹⁰ Um dos testemunhos desse diálogo entre os dois homens é, por exemplo, o poema “Repression of War Experience” que, baseando-se no título de uma das comunicações de Rivers, Sassoon escreve nesse mesmo ano de 1917 (Sassoon 1983: 84-85). Outro testemunho não menos importante pode ser encontrado na autobiografia ficcionada de Sassoon *The Complete Memoirs of George Sherston* (1972: 517-557).

¹¹ Ver, a este propósito, Graves 1960: 214-217.

¹² Ou, e a usar as palavras de Sassoon (1972: 523): “Se as ‘neuroses de guerra’ fossem indiscriminadamente encorajadas, metade da força expedicionária poderia ficar doente.”

VI

As personagens da trilogia apresentam-se-nos constantemente como *personagens fragmentadas*. O ponto de vista masculino, em que Pat Barker exemplarmente se situa, oscila constantemente entre o epicrítico e o protópático.

Rivers apresenta-se-nos dividido entre a distanciada razão e a empática emoção que lhe conferem as suas valências ambíguas de médico/ /cientista e homem/“pai”. Sassoon vacila entre o seu irreduzível pacifismo poeticamente transfigurado e a sua sanguinária eficiência enquanto comandante de companhia. Mas nenhum destes dois casos se traduz por uma *fractura* na consciência. Como escreve Barker em relação a Sassoon:

A dissociação não poderia ser chamada de patológica, já que a experiência adquirida num estado estava ao dispor do outro. Não apenas *disponível*: era a experiência de serviço do oficial que fornecia o material em bruto, a munição, se se quisesse, para os poemas. Mais importante ainda, e talvez mais ambigualmente, essa experiência de derramamento de sangue fornecia a autoridade moral para o protesto do pacifista: a declaração do *soldado* (Barker 1994: 233).

Mas onde a fragmentação da consciência ocorre (a dissociação, no verdadeiro sentido da palavra) é em Billy Prior.

Prior é um oficial que provém da classe operária. Bissexual, é apelidado de “canário”, em grande medida devido ao facto de a sua asma lhe dar uma aguda sensibilidade aos ataques de gás (Barker 1996: 12). Prior é objecto da atenção médica de Rivers. Em Craiglockhart e depois em Londres. Furta-se às intenções terapêuticas do médico. Não quer regressar ao que lhe sucedeu em França, e sobretudo não quer regressar *emocionalmente*. “Rivers procurava quebrar o distanciamento, chegar à emoção” (Barker 1992: 79). Contrariado, Rivers recorre à hipnose para aceder à memória de Prior.

Nas trincheiras. Um turno de vigia. Uma explosão de uma granada num momento de aparente trégua. Uma nuvem de pó. O regresso à trincheira para encontrar uma cratera cónica, negra, fumegante. Os irreconhecíveis cadáveres de Sawdon e Towers. Prior agarra uma pá. Logan, um saco de areia, que abre. Para dentro do saco, Prior vai deitando pedaços de carne, escurecidos fragmentos de osso. O vômito. A garrafa de rum que Logan lhe oferece. Prior muda de posição. Olha para baixo. Um olho sob as tábuas que cobrem o terreno lamacento. Prior agarra-o entre o polegar e o indicador. Transfere-o para a palma da mão. A mão treme-lhe. Mostra-o a Logan. Logan segura-lhe o pulso. Inclina a mão de Prior para o saco. Recolhe o olho. Prior regressa ao abrigo. O mutismo abate-se sobre ele.

“Dois dos seus homens estavam mortos, ele lembrava-se disso. Nada mais. Tal como o mutismo, parecia natural. Sentou-se no banco, as suas mãos entrelaçadas baloiçando entre as pernas, e não pensou em nada” (Barker 1992: 104).

Em Londres, Prior é destacado para o serviço de informações do Ministry of Munitions. Insistentes pesadelos tomam conta de si. Perturbadoramente, o lado nocturno da sua personalidade torna-se cada vez mais manifesto através de repetidos e cada vez mais prolongados “estados de fuga” (Barker 1994: 134), momentos de que não tem memória mas que ocorreram, porque desse hiato temporal obliterado sobram algumas amargas evidências (a denúncia de um amigo por deserção, Mac). Perturbadoramente, porque Prior tende a preencher de monstros essa região desconhecida, ou como lhe diz Rivers, “*Where unknown, there place monsters*” (Barker 1994: 139). Rivers descobre mais tarde que, de modo a suportar a atrocidade da guerra, Prior tinha usado um expediente que já conhecia desde a sua infância, quando assistia ao espancamento da sua mãe pelo seu pai: tinha redescoberto o duplo que o habitava, recriando-o na figura de um *warrior double*: “Um estado cuja liberdade do medo e da dor era persistente, encapsulado, inacessível à consciência normal” (Barker 1994: 245).

A repressão da consciência do medo. O esquecimento

É fascinante, na sua implausibilidade, uma característica da sensibilidade moderna: a ideia de que aquilo que foi esquecido é aquilo que forma o nosso carácter, a nossa personalidade, a nossa alma (Hacking 1995: 209). Barker parece dar-lhe expressão literária.

BIBLIOGRAFIA

- BARKER, Pat, 1992 [1991], *Regeneration*, Harmondsworth, Penguin.
 ———, 1994 [1993], *The Eye in the Door*, Harmondsworth, Penguin.
 ———, 1996 [1995], *The Ghost Road*, Harmondsworth, Penguin.
 GERSONS, Berthold P. R., e Ingrid V. E. CARLIER, 1992, “Post-traumatic Stress Disorder: The History of a Recent Concept”, *British Journal of Psychiatry*, 161, 742-748.
 GRAVES, Robert, 1960 [1929], *Goodbye to All That*, Harmondsworth, Penguin.
 HACKING, Ian, 1995, *Rewriting the Soul: Multiple Personality and the Sciences of Memory*, Princeton, Princeton University Press.
 KUKLICK, Henrika, 1993 [1991], *The Savage Within: The Social History of British Anthropology, 1885-1945*, Cambridge, Cambridge University Press.
 PULMAN, Bertrand, 1986, “Aux Origines du Débat Ethnologie/Psychanalyse: W. H. R. Rivers (1864-1922)”, *L’Homme*, 100, XXVI (4), 119-142.
 SASSOON, Siegfried, 1972 [1939], *The Complete Memoirs of George Sherston*, Londres e Nova Iorque, Faber.
 ———, 1983, *The War Poems*, Londres e Nova Iorque, Faber.
 YOUNG, Allan, 1995, *The Harmony of Illusions: Inventing Post-traumatic Stress Disorder*, Princeton, Princeton University Press.